

**Fundamentos
da clínica
psicanalítica**

Coleção TerramaR

Coordenadores

Nina Virgínia de Araújo Leite (Unicamp)

J. Guillermo Milán-Ramos (Udelar/Urugai – Outrarte/Unicamp)

Conselho Editorial

Cláudia de Lemos (Unicamp)

Flávia Trócoli (UFRJ)

Viviane Veras (Unicamp)

Paulo Endo (USP)

ERIK PORGE

**Fundamentos
da clínica
psicanalítica**

Tradução J. Guillermo Milán-Ramos

MERCADO[®]
LETRAS

Título original em francês: *Des fondements de la clinique psychanalytique*
Direitos reservados para a língua francesa: © Éditions érès 2008
Tradução: J. Guillermo Milán-Ramos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Porge, Erik

Fundamentos da clínica psicanalítica / Erik Porge ; tradução J. Guillermo Milán-Ramos. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2014. – (Coleção Terramar)

Título original: *Des fondements de la clinique psychanalytique*

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-316-1

1. Freud, Sigmund, 1856-1939 2. Lacan, Jacques, 1901-1981 3. Psicanálise – Prática I. Título. II. Série.

14-02485

CDD-150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Clínica psicanalítica : Psicologia 150.195

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

Obra em acordo com as novas
normas da ortografia portuguesa.

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®
V.R. GOMIDE ME
Rua João da Cruz e Souza, 53
Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116
Campinas SP Brasil
www.mercado-de-letras.com.br
livros@mercado-de-letras.com.br

1a edição

ABRIL/2014

IMPRESSÃO DIGITAL
IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

*Agradeço particularmente a
Sophie Auillé,
Anne-France Chatiliez,
Brigitte Lemérier,
Michel Plon,
Renate Sachse
por suas leituras e comentários
em ocasião da redação deste livro.*

SUMÁRIO

NOTA DO TRADUTOR	9
INTRODUÇÃO.....	11
AS “NOVAS PATOLOGIAS” NÃO RENOVAM A CLÍNICA ANALÍTICA	19
NORMAL NA ESTRUTURA.....	29
FALAÇÃO, E QUE MAIS?	35
A INCLUSÃO DO ANALISTA NO COLETIVO: UM MOMENTO LÓGICO	43
A REGRA DA ATENÇÃO IGUALMENTE EM SUSPENSO, CONTRAPARTIDA DA REGRA FUNDAMENTAL	53
A LINGUAGEM CORTA	63
LEVAR A DEMANDA À PULSÃO	69
CLÍNICA E TRANSMISSÃO DA CLÍNICA, ENODAMENTO DA INTENSÃO E DA EXTENSÃO.....	75
O COMPROMISSO COM O PASSE	83

O PASSE, ENTRE NOMEAÇÃO E DENOTAÇÃO	89
O ESPAÇO TOPOLÓGICO.	97
(DE)CIFRAR O QUALITATIVO	107
CORTES	121
ANEXO	
VOCABULÁRIO ANALÍTICO	
TOPOLÓGICO HABITUAL.	131
VOCABULAIRE ANALYTIQUE	
TOPOLOGIQUE COURANT	151
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	169

Nota do tradutor

Levando em conta as particularidades do capítulo 14 – uma reinscrição de alguns termos na *lalíngua*, com a ressonância como princípio de construção – optamos por transcrever, logo depois da tradução, o texto original em francês do vocabulário trabalhado pelo autor, facilitando assim, talvez, a tarefa do leitor que deseje fazer uma leitura de ida e volta entre original e tradução. Igualmente, aqui e em outros capítulos, escolhemos manter certos traços formais e de padronização presentes no original, quando ponderamos que ali se presentifica o estilo do autor ou modos da escrita em francês que podem resultar significativos (por exemplo, o encadeamento de citações, referências bibliográficas no texto etc.).

Agradeço à Estela Acosta y Lara por ter permitido consultar sua tradução para o espanhol do presente livro, ainda inédita.

Introdução

O presente livro é a continuação de *Transmettre la clinique psychanalytique*,¹ cuja publicação incitou-me a continuar o que se apresentava como inacabado. Em algumas ocasiões farei menções ao referido livro, porém, sem que seja necessária sua leitura. De fato, o presente livro não tenta ir além do precedente, mas, antes, situar-se aquém. Retornar aos princípios que o condicionaram. Daí o termo *fundamentos*.

O título pode parecer muito ambicioso, talvez pretensioso. Porém, apresentou-se como inevitável. Por quê?

Porque, na história da psicanálise na França, encontramos num momento decisivo, numa encruzilhada de caminhos. Trata-se daquilo que Michel Plon chama de um *momento* da psicanálise. De acordo com ele, a existência de momentos repousa sobre três hipóteses. Primeiro, trata-se de um tempo no qual “a permanente precariedade da psicanálise encontra-se acentuada ao ponto em que podemos falar de uma ameaça de desaparecimento”.² Em seguida, ele aponta que, desde 1896, tais momentos aconteceram em duas ocasiões: 1926, com a publicação de “A questão da análise leiga”, de Freud, e 1956, com o artigo “Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956”, de Lacan.

1. [N.deT.: Editado na França por *Editions érès*, 2005. Edição brasileira: *Transmitir a clínica psicanalítica – Freud, Lacan, hoje*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009].

2. Michel Plon, “La psychanalyse, une éthique de vie confrontée à une idéologie de l’adaptation”, inédito.

Finalmente, que “a época em que vivemos, no início do século XXI, constitui um terceiro momento comparável aos anteriores em que a psicanálise encontra-se igualmente ameaçada de desaparecimento”.

Efetivamente, estamos num momento no qual a psicanálise, fragilizada pelo seu próprio sucesso que a empurra para a psicologiação, é objeto de ataques frontais muito violentos, lançados no interior de discursos antagonistas e inclusive recobertos pela onda do discurso capitalista que, no limite, só a reconhece para reduzi-la a uma forma de psicoterapia entre outras, com objetivos utilitários de curto prazo.

Para resistir ao choque de um momento assim faz-se necessário apelar aos fundamentos. É preciso esperar que a psicanálise supere essa prova. Se esse for o caso, sairá renovada dessa passagem. Uma passagem na qual seus fundamentos são, ao mesmo tempo, convocados e colocados em questão. Nesse movimento (palavra que tem a mesma raiz que *momento*), a psicanálise repete o ato inaugural de seu nascimento, volta a passar por suas origens, que ao mesmo tempo reinventa no *après coup*, no retorno.

Falar dos fundamentos, portanto, é participar desse movimento de retorno às origens, necessário para achar o bom caminho, o bom método (*meta*, *oudos*, caminho além) no momento dado, para achar o bom *pas*,³ nos dois sentidos do termo, o de marcha [*passo*] e o de negação. No ato do momento de concluir, participam ambos os sentidos.

Notemos que tal referência aos fundamentos [*fondaments*] está nas antípodas do que o discurso do poder designa como “regras básicas” [*fondamentaux*], que faz parte da linguagem “pro” do marketing, veiculando os valores da eficácia e da empresa. “Optar por enunciar as regras básicas, em lugar dos fundamentos, das bases, dos princípios e dos valores, transmite o pensamento da comunicação e sua maneira eficaz de falar” (Teboul-Weber 2007). Assim, evita falar do que é verdadeiramente fundamental.

Demarquei aquilo que, em minha opinião, existe de fundamental, na clínica psicanalítica, em torno de dois termos: o corte [*coupure*] e o retorno [*retour*]. Este último designa, ao mesmo tempo, um elemento

3. [N.deT.: No duplo sentido apontado pelo autor, a partícula *pas* não tem termo que se lhe aproxime em português].

desses fundamentos e aquilo pelo qual se chega a eles. Nesse sentido, é comparável à definição de saber, S_2 , de Lacan: segundo significante (pelo qual o primeiro, S_1 , representa o sujeito), e a relação do primeiro com o segundo. Representa o Outro significante e o significante do Outro (que inclui o primeiro). Consequentemente, *Outro* designa uma alteridade que não se relativiza, irreduzível à oposição dual.

No que diz respeito ao corte, veremos nos próximos capítulos que tudo converge para colocá-lo num lugar principal. No âmbito do método psicanalítico, primeiro, ganha a forma da contrapartida da (bem nomeada por Freud) regra fundamental, vale dizer, a atenção igualmente fluante.

No plano da matéria analítica – o significante, a pulsão, o sujeito, o objeto a –, faz-se necessário referir-se ao corte para definir seus elementos em sua estrutura e operatividade.

Por último – tal é o objetivo desse livro –, mostraremos que o termo corte não é apenas ilustrativo, analógico, metafórico, e que se enlaça, com a topologia, ao real, vale dizer, com o impossível de dizer. Faz a ponte entre a linguagem e um centro exterior a ele mesmo.

Isso significa que, num certo nível, não há mais saber sobre ou do corte, senão corte primeiro do qual deriva um saber que, no *après-coup*, pode incluir – em exclusão interna – o corte do qual procede. Tal corte é o corte dito fechado, que se recorta. A forma matriz, paradigmática de seu traçado, é a do oito interior. Ela não pode ser realizada senão sobre uma superfície unilátera com borda ou uma superfície sem borda, porém esburacada, o que exclui que possa ser reconduzida a uma esfera. Tal corte corresponde, por exemplo, àquele em torno do ponto central do plano projetivo, que o divide numa rodela esburacada e numa fita de Möbius.

Lacan refere-se a esse traçado para definir o enodamento da psicanálise em intensão com a psicanálise em extensão: “quero indicar que, de conformidade com a topologia do plano projetivo, é no próprio horizonte da psicanálise em extensão que se ata o círculo interior que traçamos como hiância da psicanálise em intensão” (Lacan 1967[2003, p. 261]). Trata-se de um traçado que reenvia aos tempos fundadores do *après-coup*. Mais além do papel que Freud lhe descobre para explicar a

formação do sintoma histérico, Lacan o invoca para dar conta do que Octave Mannoni chama “a análise original”, a de Freud com Fliess: “a verdadeira análise original só pode ser a segunda, por constituir a repetição que da primeira faz um ato, pois é ela que introduz o *a posteriori* próprio do tempo lógico, que se marca pelo fato de que o psicanalista passou a psicanalista. (Refiro-me ao próprio Freud, que com isso sanciona não ter feito uma autoanálise)” (*ibid.*, p. 258).

O traçado do *après-coup* inscreve a forma do retorno como *re-torno* [*re-tour*], outra volta [*tour*].

O *re-torno* é o segundo termo em torno do qual reduzimos os fundamentos da clínica psicanalítica.

Como o corte, o retorno declina-se na clínica de muitas formas. Freud fez equivaler o recalque a um retorno do recalçado. Um retorno que pode ganhar a forma de um encobrimento [*recouvrement*].

Consideremos o exemplo do *Deckerinnerung* no artigo de Freud de 1899.⁴ Existem várias traduções desse termo para o francês, cada uma com suas próprias pressuposições. “Souvenir écran” (lembrança-pantalha) é a tradução mais clássica. Tem o mérito da elegância e, também, a de fazer referência à função da pantalha que ao mesmo tempo oculta e deixa ver. Wladimir Granoff a criticou em nome da heterogeneidade do que é projetado na pantalha com a própria pantalha, heterogeneidade que não tem como intervir na relação de uma lembrança com outra lembrança. Ele propõe “souvenir-couvercle”, “lembrança-tampa” (*Deckel* é uma tampa), colocando a ênfase tanto na operação de translação que se produz entre a tampa e o tampado, quanto na coincidência do encobrimento. Essa translação opera nos dois sentidos e corresponde efetivamente às relações temporais recenseadas por Freud entre a lembrança encoberta e a lembrança encobridora. A lembrança encobridora pode ser anterior àquela que oculta (“lembrança regressiva”, segundo Freud), posterior (“lembrança prospectiva”) ou contemporânea. Na

4. “Über Deckerinnerungen” (1899[1973]), *GW* 1. “Sur les souvenirs-écrans”, trad. sob dir. Jean Laplanche, *Névrose, psychose et perversion*, Paris : PUF. [N.deT.: “Lembranças encobridoras” (1899[2006]), trad. sob dir. Jayme Salomão, in: *Ed. Standard brasileira das Obras psicológicas completas de S. Freud*, vol. III. Rio de Janeiro: Imago].

lembrança interpretada por Freud no seu artigo, trata-se de uma lembrança regressiva, a velha lembrança das flores arrancadas na infância encobre uma lembrança mais recente e recalçada, aquela das esperanças em relação a uma jovem. O velho oculta o mais recente. “Lembrança-tampa”, porém, não é uma nomeação tão elegante. Outras traduções são possíveis, as quais retomam o sentido de *decken*, encobrir. Em *La Transa*⁵ traduzimos por “souvenir de couverture” (lembrança de cobertura). A edição das *Œuvres complètes* sob a direção de Jean Laplanche talvez se inspirou ali ao traduzir por “souvenir-couverture”, “lembrança-cobertura”, uma formação de compromisso que soa mal em francês e lembra o polêmico “representante-representação” – proposto por Lacan para evitar “representante da representação”. Ao retomar o estudo do texto de Freud, fui levado a propor a tradução “souvenir de recouvrement” (lembrança de encobrimento), com o duplo sentido que “recouvrement” tem em francês, o de “cobrir, fazer cobertura, tampa”, e também o de “recobrar, achar”.

A lembrança de encobrimento não representa uma categoria particular de lembrança, que seria oposta, por exemplo, à de uma lembrança autêntica. A “lembrança de encobrimento” é um achado de Freud para designar o trabalho de perlaboração, e, portanto, de encobrimento, que opera no retorno, o encobrimento de toda lembrança. “Talvez seja completamente ocioso perguntar-se se temos lembranças conscientes provenientes de [*aus*] nossa infância ou se se trata de lembranças sobre [*an*]⁶ nossa infância”, conclui Freud.

A lembrança de encobrimento revela a atividade da colocação em relação do lembrar, uma colocação em relação de lembranças entre elas e com fantasias, passando por “pontes verbais” significantes e um jogo de relações temporais. A lembrança de encobrimento designa a divisão do sujeito que se rememora, *er-innern*, faz retornar em si, apropria-se exteriorizando. Essa concepção é homóloga do método freudiano de interpretação das lembranças: Freud não a interpreta como

5. Associação criada em Paris, em abril de 1982 (que durou até 1991), com o projeto de traduzir e produzir uma edição bilíngue das obras de Freud. Uns quarenta textos foram publicados nos *Bulletins* e nos *Cahiers*.

6. [N.deT.: Inserções do autor].

um produto suficiente em si mesmo, senão em função do *momento* no qual a lembrança volta ao sujeito.

Lacan mostra-se fiel a esse encaminhamento quando declara: “A rememoração consiste em fazer essas cadeias entrarem em alguma coisa que já está lá e que se nomeia como saber – e isso não é fácil, a prova são os frequentes lapsos que fiz ao tentar traçar nesse pedaço de papel os nós colocados sob a égide dos Borrromeu” (Lacan 1975-1976[2007, p. 127]).

Seguindo a Freud, Lacan continua dando peso à noção de retorno, por exemplo, para dar conta do mecanismo da psicose como retorno no real do que foi foracluído no simbólico.

A partir de 1955 – e nós temos admitido que tal é um momento da psicanálise –, ele mesmo convocou a um “retorno a Freud”, que deu a entender como um retorno moebiano,⁷ uma nova volta [*tour*] que se fecha em torno daquilo que há de fundador nele. Finalmente, veremos como, com o princípio do retorno, a clínica do passe se integra na clínica psicanalítica em geral.

A noção de retorno tem um valor fundamental porque, assim como a noção de corte, enoda-se na topologia.

Ao delimitar a clínica com esses dois valores fundamentais, o corte e o retorno, parece-nos necessário que o vocabulário da clínica evolua, em função do laço deles com a topologia. Não se trata de invalidar os termos recebidos da tradição analítica, que alguns chamam erroneamente de conceitos. Trata-se, por um lado, de retomá-los em função da referência topológica que lhes é própria e lhes dá consistência no real. Essa referência desloca a significação e o uso dos termos tradicionais. A pulsão, por exemplo, oferece novos trilhamentos quando é referida à escrita da fórmula “sujeito corte de demanda”.

Trata-se, por outro lado, de acrescentar à terminologia tradicional termos adaptados a uma nova abordagem da clínica, nova por se aproximar aos fundamentos. Isso também opera em nível coletivo. Po-

7. “O que devo fazer, muito exatamente, é fazer uma segunda vez a mesma volta. Porém, em tal estrutura [moebiana] fazê-la uma segunda vez não tem, em absoluto, o sentido de um puro e simples redobramento” (Lacan 1965-1966, lição de 1/6/1966).

deria Lacan ter dissolvido a Escola Freudiana de Paris (EFP), que ele tinha fundado, se não tivesse tido uma nova prática da clínica referida à topologia?

O trajeto que propomos dissipará a miragem do que chamamos “novas clínicas”, que não são outra coisa que tentativas desesperadas de salvar do naufrágio a clínica psiquiátrica. Elas se inscrevem numa clínica das normas e não da lei, para retomar uma distinção de Michel Foucault. Assim, do ponto de vista psicanalítico, na estrutura se é normal, e são seus elementos que se trata de depurar, reduzindo-os à sua expressão mais simples. Na clínica que aí se transmite, o analista está incluído. Mas não de qualquer maneira. É importante determinar o laço entre essa inclusão dentro da análise e o “trinchamento” [*tranchement*] que isso faz possível naquilo que Lacan chamou prática de falação [*bavardage*] para designar a análise.

A originalidade da psicanálise não se sustenta sobre um aparelho conceitual sistemático, mas sobre um habitar a língua, com janelas que se abrem ao inconsciente. É por isso que no final da presente obra propomos uma primeira lista de um vocabulário, comum à linguagem da topologia, da análise e da língua.